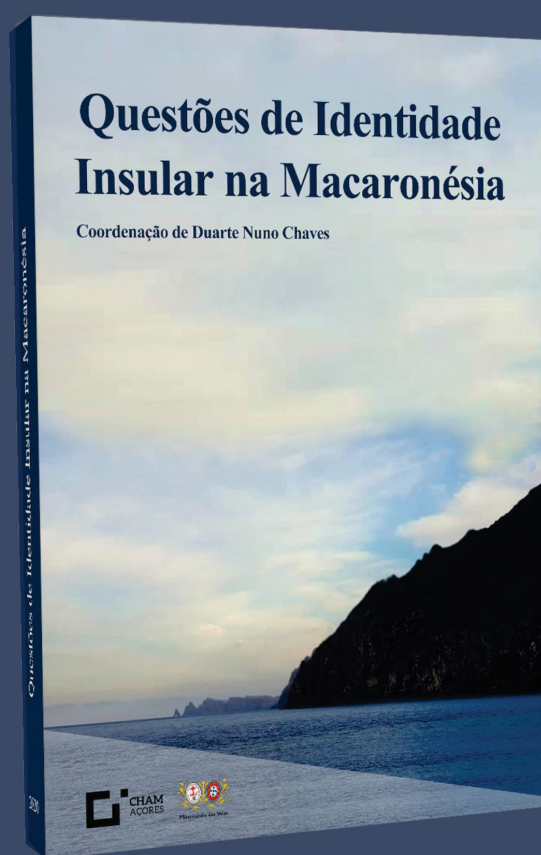


MUSEOLOGIA AÇORIANA UMA APROXIMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

Maria Manuel Velasquez Ribeiro
Museu de Angra do Heroísmo/DraC



RIBEIRO, Maria Manuel Velasquez. 2020. "Museologia açoriana. Uma aproximação biobibliográfica". In: CHAVES, Duarte Nuno (coord). *Questões de Identidade Insular na Macaronésia*. S. Jorge: Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades. pp. 273-284.

ISBN: 978-989-54856-0-4

***QUESTÕES DE IDENTIDADE INSULAR
NA MACARONÉSIA***

Coordenação

Duarte Nuno Chaves

Santa Casa da Misericórdia das Velas
CHAM — Centro de Humanidades
Velas, S. Jorge, Açores
2020

FICHA TÉCNICA

Título	<i>Questões de Identidade Insular na Macaronésia</i>
Coordenação	Duarte Nuno Chaves
Autores	Vários
Edição	Santa Casa da Misericórdia das Velas & CHAM – Centro de Humanidades
Paginação	Gonçalo Mendes – DRC Madeira
Capa	Laura Catarina Nunes
Fotografia da capa	Élia de Sousa
Depósito Legal	471588/20
ISBN	978-989-54856-0-4
Data de Saída	2020
Execução Gráfica	Nova Gráfica Artes Gráficas Rua da Encarnação, 21, Fajã de Baixo 9500-513 Ponta Delgada São Miguel - Açores

Apoios



Secretaria Regional
de Turismo e Cultura
Direção Regional da Cultura



Esta edição foi financiada pela Secretaria Regional do Mar, Ciência e Tecnologia do Governo Regional dos Açores (M3.3.c/Edições/002/2019) e contou com o apoio da Secretaria Regional do Turismo e Cultura do Governo Regional da Madeira. No âmbito do projeto de Pós-doutoramento com a referência “M3.1. a/F/003/2016” do Fundo Regional da Ciência e Tecnologia.

ÍNDICE

- 11 Duarte Nuno Chaves**
NOTA DE ABERTURA E BREVE ENQUADRAMENTO GEOGRÁFICO
- CAPÍTULO I - ITINERÁRIOS DO ESPAÇO E DA HISTÓRIA**
- 21 Liliana Ferreira**
UMA APROXIMAÇÃO AO MUNDO INSULAR. ENTORNO DA ARQUITETURA EM SOCALCOS NA MACARONÉSIA
- 35 José Antonio González Marrero**
LA ISLA DE SAN BORONDÓN, UN ELEMENTO DE IDENTIDAD ATLÁNTICA DESDE LA EDAD MEDIA HASTA LA ACTUALIDAD
- 51 Mariano Gambín García**
LA REPOBLACIÓN DE GRAN CANARIA DESPUÉS DE LA CONQUISTA A FINALES DEL SIGLO XV. ASPECTOS HUMANOS Y POLÍTICOS
- 73 Javier Luis Álvarez Santos**
EXOGENESIS E INCLUSIÓN SOCIAL EN ÁREAS DE CONTACTO: EL COMPROMISO LOCAL DE LA ÉLITE PORTUGUESA EN TENERIFE DURANTE LA PRIMERA MITAD DEL SIGLO XVII

CAPÍTULO II - QUESTÕES DA MEMÓRIA ARQUIPELÁGICA

- 85 Carmo Daun e Lorena**
À SOMBRA DO PASSADO: MEMÓRIA, IDENTIDADE E COSMOPOLITISMO NA ILHA DE SÃO VICENTE
- 103 Susana Serpa Silva**
A ILHA GRACIOSA NOS RELATOS DE VIAJANTES ESTRANGEIROS (SÉCULO XIX)
- 121 Sérgio Rezendes**
AÇORES E MACARONÉSIA, TERRAS DE DEGREDO POLÍTICO EM 1930
- 141 Mercedes Chinea Oliva**
LA PRESENCIA DEL TRABAJO DE LAS MUJERES EN LOS PROCESOS DE CULTIVO Y TRANSFORMACIÓN DEL ALGODÓN A TRAVÉS DEL FONDO DE LA COMPAÑÍA ALGODONERA DE CANARIAS
- 151 Cláudia Faria**
GRACIOSA E PORTO SANTO “DOS QUE VIVEM ONDE SOPRA O VENTO”
- 161 Graça Alves**
UM CANTO À ILHA DA MADEIRA

CAPÍTULO III - TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS

- 169 Alcides José Delgado Lopes**
TRADIÇÕES, MÚSICA E EXPRESSÕES ORAIS: ELEMENTOS DE IDENTIDADE DOS ILHÉUS
- 187 Élia de Sousa**
CHARAMBA - EM BUSCA DE UM FUTURO. CONTRIBUTOS PARA O SEU ESTUDO NO ARQUIPÉLAGO DA MADEIRA
- 207 José Andrade**
FILARMÓNICAS DOS AÇORES: PATRIMÓNIO IDENTITÁRIO - O CASO DA ILHA DE SÃO MIGUEL

219 Naídea Nunes e Helena Rebelo

A CRIAÇÃO DE GADO E AS EXPRESSÕES ORAIS: BREVE COMPARAÇÃO DO VOLUME I DO ATLAS LINGUÍSTICO-ETNOGRÁFICO DA MADEIRA E DO PORTO SANTO COM O DOS AÇORES

CAPÍTULO IV - MUSEUS, ARQUIVOS E NOVAS ABORDAGENS CULTURAIS

239 Rita Rodrigues

VIAGEM: DO ESPAÇO CULTURAL PARA O MUSEU. VIVÊNCIAS RELIGIOSAS MADEIRENSES

259 João Henrique Silva

MUSEU DE ARTE SACRA DO FUNCHAL: MEMÓRIA, IDENTIDADE E PRESENÇA

273 Maria Manuel Velasquez Ribeiro

MUSEOLOGIA AÇORIANA: UMA APROXIMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

285 Jorge António Cunha

MUSEUS E TURISMO CULTURAL: O CASO DO MUSEU DA GRACIOSA

295 Cristina Moscatel

ARQUIVOS AÇORIANOS: PERCURSOS PATRIMONIAIS E DA VALORIZAÇÃO DA MEMÓRIA INSULAR

309 Bruna Pereira

PONTA DELGADA: UMA CIDADE DA MACARONÉSIA INSERIDA NAS TENDÊNCIAS PICTÓRICAS DO SÉCULO XXI

MUSEOLOGIA AÇORIANA UMA APROXIMAÇÃO BIOBIBLIOGRÁFICA

Maria Manuel Velasquez Ribeiro¹
Museu de Angra do Heroísmo/DraC
mmvelasquez@sapo.pt

Palavras-chave: Museus; Museologia; Açores.

Nota introdutória

A existência de museus nos Açores é centenária e o seu percurso comporta experiências duradouras e efémeras, dispersas por todas as ilhas.

A constituição de museus continua, na atualidade, a animar organismos públicos e entidades privadas, autarquias, empresas e particulares, para o que se tem contado com um elenco de atores com motivações, visões e formações muito diversas. Essa riqueza é, contudo, mal conhecida, e muitas experiências e as personalidades que lhes estão associadas, bem como a bibliografia que produziram, não se constituem em repositório de conhecimentos que faculte uma visão abrangente sobre a forma como a musealização da memória açoriana se foi constituindo. Uma proposta de biobibliografia da museologia açoriana tem como objetivo construir e facultar um

¹ Maria Manuel Velasquez Ribeiro. Licenciada em História e Pós-Graduada em História Insular e Atlântica, Mestre em Museologia. Técnica Superior do Museu de Angra do Heroísmo, tem como principais áreas de investigação a história da museologia açoriana e os processos de patrimonialização de bens, as dinâmicas do colecionismo privado e, dentro dele, a construção de discursos identitários, temas sobre os quais tem publicado vários estudos e artigos.

conhecimento preciso e atualizado das personalidades ligada à museologia açoriana, e contribuir para uma maior compreensão da história dos museus nos Açores.

Museologia açoriana: uma aproximação biobibliográfica

Aquando da realização do IIº Encontro de Boas Práticas Museológicas, na Lagoa, em Outubro de 2018, evento que o CHAM/A organiza em parceria com as câmaras municipais da ilha de S. Miguel, as animadas discussões que se seguiram à apresentação das comunicações previstas denunciaram um panorama de uma certa ausência de memória sobre as personalidades, os percursos e as dinâmicas da museologia açoriana.

Para a geração mais nova de museólogos e interessados, as narrativas do presente parecem assumir-se como hegemónicas para a construção do saber e do fazer museológico, contando muito pouco com os dados dos projetos e das construções dos atores do passado. Todavia, os contributos desses atores são diversos, dispersos geográfica e temporalmente, e permitem compreender as condicionantes sócio-económicas e políticas, as dinâmicas e trajetórias, e as relações de significado e poder do já longo e plural percurso das experiências e das instituições museais na Região, e também fazer luz sobre as heranças de contexto, as realidades e os problemas do presente.

Importa realçar que a centenária existência de museus nos Açores substanciou-se em experiências duradouras e efémeras dispersas por todas as ilhas do arquipélago, com clara preponderância para os últimos anos da década de 1990, mas continuando, na atualidade, a animar organismos públicos e entidades privadas, autarquias, empresas e particulares.

Ao longo desse percurso a apropriação e exposição da(s) memória(s) foi-se relacionando com aspectos relevantes para as diferentes contemporaneidades como, por exemplo, a pedagogia dos métodos de ensino, a representação idealizada dos territórios, a valorização de aspectos singulares da vida e da história das comunidades. Como denominador comum assinala-se o interesses dos indivíduos, das localidades e das próprias instituições no terreno que com as suas ações foram dando expressão a conhecimentos e saberes, noções de identidade, mas também às relações de poder indissociáveis do quadro político, social e cultural de cada época.

A instituição do regime autónómico nos Açores, em 1976, também foi

responsável por dar corpo a políticas públicas da memória com diferentes matizes, intenções e alcances; efémeros, uns, de grande fôlego, outros, de âmbito local e/ou regional. Ao absorver as estruturas de carácter patrimonial que vinham do passado e criando outras, compôs a estrutura de organismos públicos que hoje conhecemos.

A constatação da falta de conhecimento mais profundo destes contributos e das dinâmicas dos seus contextos está na génese da construção do projeto que pretende compulsar dados relevantes para a construção de uma biografia coletiva dos actores e das suas produções (bibliográficas e/ou museográficas) que deram corpo à museologia açoriana, e desse modo assinalar os primeiros 125 anos da sua existência (1875 – 2000).

Os estudos sobre museus, que se afirmaram em Portugal sobretudo a partir da década de 1980, desenvolveram-se com base em diferentes enquadramentos disciplinares desde a Antropologia, à História da Arte, à História (incluindo a História da Ciência), à Sociologia e à Arqueologia e estiveram, também, intimamente associados ao desenvolvimento das disciplinas científicas subjacentes à sua criação, razão que tem justificado a pluralidade de perspectivas de investigação.

Nos Açores o enfoque dominante centrou-se em trabalhos monográficos caracterizadores de processos individuais de alguns museus e/ou das redes tutelares e das respetivas coleções, mas no geral a produção relacionada com a génese e a biografia dos museus açorianos tem sido reduzida.

A primeira obra de conjunto sobre museus açorianos e as suas coleções resultou de um projeto de investigação da *Caminus - Organizações Culturais* que se dedicou, exclusivamente, à caracterização dos acervos etnográficos²; enquanto a rede pública de museus, tutelada pela Direcção Regional da Cultura, publicou dois roteiros que descrevem, sumariamente, a história e as coleções dos oito museus que a integram³. Uma visão de conjunto das dinâmicas do movimento museológico açoriano, da sua génese à atualidade é apresentada por Isabel João na entrada da *Enciclopédia Açoriana* intitulada *Museus*⁴.

No mesmo sentido, é escassa a existência de estudos que relevem os

2 *Roteiro dos Museus (Coleções Etnográficas)*. Açores e Madeira. 1999. Lisboa, Olhachim Edições.

3 *Açores. Roteiro dos Museus dos Açores*. s/d. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Assuntos Sociais / Direcção Regional dos Assuntos Culturais, e *Roteiro dos Museus dos Açores*. 2005. Angra do Heroísmo, Secretaria Regional da Educação e Cultura/ Direcção Regional da Cultura.

4 “Museus” in *Enciclopédia Açoriana*, consultável em <http://www.culturacores.azores.gov.pt/ea/pesquisa/Default.aspx>.

mentores desses museus ou experiências museológicas, bem como do seu papel (mais ou menos valorizado) nas instituições que integraram⁵. Este obscurecimento/esquecimento, é extensível às produções museográficas que cada museu vai fazendo sobre si mesmo e parece ser responsável por uma certa ausência de reflexão diacrónica e transversal, sobre o papel das instituições além de, também, não contribuir para a (re)construção das identidades e missões de cada museu em particular.

Não obstante, a consolidação da implementação de projetos de museus regionais tem contado com um elenco de atores com motivações, visões e formações muito diversas, mas essa riqueza é, por vezes, pouco conhecida, e muitas experiências e as personalidades que lhes estão associadas, bem como a bibliografia que produziram, não se constituem em repositório de conhecimento que faculte uma visão abrangente sobre como, com quem e de que forma a musealização da memória açoriana se foi constituindo.

A investigação científica produzida nesta área tem mostrado o potencial do seu estudo para a compreensão do passado, nomeadamente o açoriano, e neste aspeto a Universidade dos Açores desempenhou um papel fundamental ao formalizar a criação do, então designado, curso de pós-graduação e, depois, mestrado em Património, Museologia e Desenvolvimento cuja primeira edição teve lugar em 2002 tendo como mentor e impulsionador Rui de Sousa Martins, Professor daquela universidade.

Aliás, o repositório da Universidade dos Açores é ilustrativo da diversidade de abordagens que os estudos de museus têm demonstrado e que alcança a história das instituições, a arquitectura e adequação de edifícios, as museografias e os projetos de comunicação e interação com os públicos, entre outras. Uma linha de investigação dedicada aos estudos de museus, contudo, procura ainda afirmar-se na academia açoriana, mas que seria fundamental para que a reflexão regional e insular pudesse produzir análises abrangentes e comparativas e cujas reflexões projetassem no futuro empreendimentos de maior fôlego interpretativo, museológico e museográfico.

Perspectivar os museus na sua historicidade tem sido o objetivo de projetos que mostram a relevância das biografias de personalidades ligadas aos museus para uma compreensão mais lata da trajectória das instituições museais, da sua história e da museologia. A biografia é, aliás, um género que tem

5 O Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada, e o Museu de Angra do Heroísmo, através do seu núcleo de história militar, são os únicos museus públicos que, atualmente, disponibilizam exposições em que refletem sobre a sua própria história e sobre indivíduos envolvidos.

sido reabilitado nos últimos anos, constituindo-se como uma prática transversal a diversas áreas do conhecimento, como a História, a História da Arte, a Ciência ou a Educação de que resultaram projetos como o do *Dictionary of Art Historians*⁶, no panorama internacional, e no caso português o *Dicionário de Historiadores Portugueses*⁷, o *Dicionário de Educadores Portugueses*⁸ ou o *Dicionário Biográfico de Cientistas, Engenheiros e Médicos Portugueses*⁹.

No âmbito da museologia, o mais recente projeto nesta matéria foi levado a cabo pelo Instituto de História da Arte da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa (IHA) e designou-se *Quem é quem na museologia portuguesa*. O projeto teve como objectivo proporcionar uma visão abrangente, um conhecimento preciso e uma valorização atualizada sobre um conjunto de personalidades identificadas, e resultou de um apelo a investigadores, especialistas e museus de todo o país que foi divulgado nos canais habituais dos meios da museologia.

Beneficiando do desenvolvimento de estudos no âmbito da história dos museus e da museologia em Portugal, o projeto do IHA procurou problematizar o museu no contexto político, social e cultural de cada época e contrariar a dispersão de conteúdos que tem caracterizado o panorama investigativo, marcado por uma circulação restrita que, com frequência, lhe está associada. Projeto iniciado em Janeiro de 2017, o primeiro volume do dicionário foi disponibilizado on line no final de 2018 e é dedicado a personalidades da museologia portuguesa que desenvolveram a sua actividade entre o século XVIII e os anos 60 do século XX.

Porém, a representação açoriana no dicionário *Quem é quem na museologia portuguesa* contou, apenas, com cinco artigos referentes a personalidades da região constatação que reforça a tendência da reflexão sobre a museologia centrada, ou mais documentada, nas ações dos museus nacionais e/ou centrais e insuficientemente descrita no que às margens dessa realidade diz respeito, ou seja no que aos museus regionais e locais das periferias se refere.

Estes os contornos que sustentam a necessidade de construir e dispo-

6 SORENSEN, Lee (ed.). *Dictionary of Art Historians*, consultável em <http://www.Arthistorians.info>.

7 MATOS, Sérgio C. (coord.). *Dicionário de Historiadores Portugueses: da Academia das Ciências ao final Estado Novo*, consultável em <http://dichp.bnportugal.pt/equipa.htm>.

8 NÓVOA, António (coord.) 2003. *Dicionário de educadores portugueses*, Lisboa, Ed. Asa.

9 *Dicionário biográfico de cientistas, engenheiros e médicos portugueses ou trabalhando em Portugal*. 2015. CIUHCT, consultável em <http://ciuhct.org/apresentacao/programa-cientifico>.

nibilizar um conjunto de dados e informações credíveis sobre aqueles que se relacionaram com a criação e desenvolvimento de museus nos Açores. E que foram muitos, não só ligados à teoria e à reflexão crítica sobre o campo museal, mas também os que deram origem a coleções e movimentos cívicos cujo resultado foi a criação de museus e/ou a musealização de bens, independentemente da sua formação profissional, formação académica ou tutela.

Assim sendo, o projeto que agora se divulga procura constituir uma biobibliografia da museologia açoriana e tem como propósito compulsar dados de quem produziu pensamento museológico e que, com a sua ação, deu origem a experiências e projetos museológicos e museográficos.

A delimitação temporal (1876-2000), sustenta-se nas notícias do projeto museológico mais antigo, e o final do século XX por via de uma barreira cronológica que permita a elaboração de balanços críticos quanto ao impacto das ações desenvolvidas e das contribuições teóricas e profissionais dos biografados.

Apenas a título de exemplo apresentam-se duas das entradas de açorianos inseridas no projeto *Quem é quem na Museologia Portuguesa*.

Frederico Augusto Lopes da Silva Júnior (Praia da Vitória, 1896 - Angra do Heroísmo, 1979)

Oficial de Infantaria, exerceu funções no Castelo de S. João Baptista, em Angra do Heroísmo, na sua ilha natal e é, mais frequentemente, conhecido como Frederico Lopes ou pelo pseudónimo de João Ilhéu, nome com que assinou a maior parte da sua abundante produção literária e jornalística.

Colaborador e animador de inúmeras instituições, organismos e iniciativas de carácter cultural manteve uma intensa participação na imprensa e no teatro onde descreveu e divulgou o viver popular ilhéu, regionalismo que será, aliás, inspirador de toda a sua produção literária.

Por via desse interesse, Frederico Lopes dedicou-se a trabalhos de investigação etnográfica e manterá contactos com toda a geração de regionalistas açorianos como os micalenses Armando Cortes Rodrigues (1891-1971) e Francisco Carreio da Costa (1913 - 1981).

O Iº Congresso Açoriano, que teve lugar em Lisboa entre 8 e 15 de maio de 1938, é o corolário de um conjunto de iniciativas com que esses mesmos regionalistas procuravam incrementar o espírito açoriano e a unidade insular; uma versão do ideário autonomista conformado aos novos contornos do

nacionalismo emergente do Estado Novo. Nele, Frederico Lopes apresentará a comunicação intitulada “Valorização do folclore e criação de museus etnográficos açorianos” onde defende a necessidade de recuperar o folclore e os usos e costumes ancestrais do povo açoriano através de estudos etnográficos e na criação de uma Comissão Etnográfica Açoriana a quem competiria “*não só a recolha de todos os elementos necessários a uma reconstituição segura, mas ainda a criação de pequenos museus regionais nas capitais de distrito, e dum Museu Etnográfico Açoriano, em Lisboa, que abranja tudo que possa caracterizar a vida tradicional do Povo dos Açores*” (LOPES, 1940:194).

Em 1942 integra o grupo de sócios fundadores do Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT), coletividade que se constitui com o propósito central da salvaguarda dos bens patrimoniais do distrito. O grupo concebe os fundamentos para um museu distrital alicerçado num ambicioso plano que contava com a sinalização e recolha de peças, a constituição de um arquivo de imagens e o levantamento e recolha de informações de carácter etnográfico - para o realizar é elaborado e distribuído um inquérito aos párocos e professores das localidades rurais da ilha Terceira com o intuito de fazer o levantamento de saberes e tradições locais.

As ações em torno da constituição de uma coleção de objetos são delegadas em Frederico Lopes que para isso estabelece relação epistolar com Leite de Vasconcelos, do Museu Etnológico Português.

As propostas de recolha e as recolhas vão sendo anotadas em cadernos de campo cujas entradas denunciam a preocupação da salvaguarda do mundo rural e dos seus testemunhos, materiais e imateriais.

Desde então, a acumulação de peças e a falta de espaço obrigá-lo-ão a manter dependências da sua própria casa dedicadas ao projeto do museu sem que, contudo, tivesse qualquer preocupação de carácter museográfico e intenção de exposição pública (IHIT, 1945:319-320).

O museu ambicionado pelo IHIT será uma realidade em 1949 e a coleção reunida por Frederico Lopes transitará para o Museu de Angra do Heroísmo onde dará corpo a uma parte do primeiro arranjo museográfico do museu – duas salas dedicadas ao culto do Espírito Santo e às atividades tradicionais - cumprindo-se assim o projeto inicial do Instituto de conferir ao museu um programa e um acervo no âmbito disciplinar da etnografia.

Garantidas a constituição legal do museu na dependente da Direção Geral do Ensino Superior e das Belas Artes, e a nomeação de um primeiro diretor tecnicamente competente, Frederico Lopes e o IHIT deixarão de in-

terferir diretamente na orientação museológica do museu muito embora se mantenham colaboradores próximos.

Até ao final da vida, Frederico Lopes manterá o interesse pela recolha etnográfica vindo ainda a envolver-se na criação da Associação de Folclore Açoriano, em levantamentos destinados a um cancionário açoriano, além de colaborar na imprensa e no *Boletim* do IHIT com artigos de caráter etnográfico fundamentais para o entendimento do regionalismo açoriano da primeira metade do século XX e que se encontram reunidos no volume *Notas Etnográficas*.

Bibliografia de Frederico Lopes relacionada com museus e museologia

- LOPES**, Frederico. 1940. “Valorização do folclore e criação de museus etnográficos açorianos”. In *Livro do Primeiro Congresso Açoriano*. Lisboa: Casa dos Açores, pp.191-195
- IDEM**. 1980. *Notas de Etnografia: algumas achegas para o conhecimento da história, da linguagem, dos costumes, da vida e do folclore do povo da Ilha Terceira dos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Bibliografia do artigo

- BPARAH**. 1996. *Um hino à terra. No 1.º centenário de nascimento de Frederico Lopes Júnior (João Ilhéu)* (catálogo]. Angra do Heroísmo: Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Angra do Heroísmo.
- INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA**. 1945. “Acta da primeira reunião extraordinária de 1945”. *Boletim* do IHIT, vol. III: 319-320.
- LEITE**, José Guilherme Reis. 1999. “João Ilhéu. Homenagem e Bibliografia”. *Atlântida-Revista de Cultura*, vol. XLIV: 93-104
- LOPES**, Frederico. 1940. “Valorização do folclore e criação de museus etnográficos açorianos”. *Livro do Primeiro Congresso Açoriano*. Lisboa: Casa dos Açores, pp.191-195
- IDEM**. 1980. *Notas de Etnografia: algumas achegas para o conhecimento da história, da linguagem, dos costumes, da vida e do folclore do povo da Ilha Terceira dos Açores*. Angra do Heroísmo: Instituto Histórico da Ilha Terceira.

Luís da Silva Ribeiro (Angra do Heroísmo, 1882-1955)

Bacharelado em Direito pela Universidade de Coimbra em 1907, de regresso à sua terra natal desempenhará diversos cargos na administração local nomeadamente os de Delegado Procurador da Coroa na Relação dos Açores, Administrador do Concelho, Comissário da Polícia, Juiz Administrativo e Chefe da Secretaria da Câmara Municipal de Angra do Heroísmo.

Militante republicano, na sequência da Revolução do 5 de outubro de 1910 é nomeado presidente da Câmara de Angra, em 1911, governador civil substituto, em 1913, e presidente da Junta Geral, entre 1914. Alegadamente envolvido na Revolta de 1931 é, temporariamente, suspenso do funcionalismo e desde então envolver-se-á, predominantemente, em iniciativas e agremiações de carácter recreativo muito embora colabore com os organismos do Estado Novo em assuntos de temática cultural.

Mantém uma intensa participação em periódicos açorianos, primeiro com artigos político-administrativos, depois com escritos de carácter etnográfico com que procurou estudar e descrever a sociedade açoriana num contexto de ameaça e morte do mundo rural pré-industrial que ainda a caracterizava e que, à semelhança de outros autores, Luís Ribeiro lamentava e denunciava (ENES, 1996:44).

Aborda pela primeira vez a questão dos museus num artigo de 1930 no periódico micalense *Correio dos Açores* relatando e valorizando a experiência que na ilha de S. Miguel Luís Bernardo Leite Ataíde vinha desenvolvendo ao constituir uma seção de etnografia no Museu Carlos Machado, em Ponta Delgada. Ribeiro assinala com satisfação que o único museu então existente nos Açores, predominantemente dedicado à História Natural, tivesse alargado o leque de temáticas e se preocupasse, também, com a cultura popular, os modos de vida ancestrais e o seu desaparecimento no arquipélago.

Certamente animado por aquela experiência, em 1940 apresenta à Junta Geral do distrito de Angra do Heroísmo o plano e o regulamento interno para um museu distrital com o argumento de que o desenvolvimento e o progresso das sociedades insulares fundavam-se no conhecimento das vivências e experiências pretéritas - naturais inspiradoras, e reanimadoras, da indústria, do comércio e da agricultura locais.

Os museus devem “... reunir todos os elementos plásticos que possam dar ideia da vida passada e presente do carácter e civilização do povo do distrito ou região, demonstrar as suas aptidões, documentar as suas atividades,

mas deve, concomitantemente, fornecer a estes meios de aperfeiçoamento práticos e imediatamente utilizáveis” (RIBEIRO, 1940: 3). Apesar disso, denominando-o *Museu Regional de Almeida Garrett* – Luís Ribeiro aproxima-se do discurso oitocentista sobre a interpretação do papel da Terceira no desenrolar da guerra civil e cujo dever de valorização pelos terceirenses já havia sido fundamentado por Vitorino Nemésio em 1936.

Associa o museu a valores de testemunho histórico e, na sua natureza, entende-o como instrumento de cultura:

[Os museus] “*são instrumentos de cultura, verdadeiros organismos vivos com uma alta função social a desempenhar. Se assim não for, nada justifica a sua existência. (...). Para cabalmente desempenhar a sua função o museu deve reunir tudo o que, não estando no seu lugar próprio ou não fazendo parte de outras coleções, seja susceptível de documentar o passado e fazer progredir o presente.*” (RIBEIRO, 1940:1-2)

Entretanto, juntamente com um grupo de intelectuais locais, Luís da Silva Ribeiro constitui, em 1942, o Instituto Histórico da Ilha Terceira (IHIT), organismo de que é o primeiro presidente.

O Instituto arquiteta um ambicioso plano de ação cultural que procura agir em face das lacunas do recém-publicado *Estatuto dos Distritos Autónomos das Ilhas Adjacentes* (1938) e de onde estava ausente a ação cultural e a ideia da salvaguarda dos bens patrimoniais do distrito.

No discurso que Luís Ribeiro profere na sessão inaugural do IHIT, realizada a 25 de abril de 1943, enaltece o contributo monográfico da história local para a construção da história nacional, e propõe que a atividade do Instituto “*se exerça, predominantemente, no sentido da investigação histórica e etnográfica, por modo a se descobrirem novos conhecimentos e se verificar a exatidão dos factos já conhecidos.*” Tal vocação seria consubstanciada pela criação de um arquivo e de um museu.

Persistindo na ideia da dupla criação de organismos culturais, em 1947 as atas das reuniões do IHIT já designam o projetado museu como *Museu de Arte Regional* (IHIT, 1947:277) que deveria promover a valorização *do objeto arcaico, ou rústico* vinculada à interpretação do território do distrito de Angra (ilhas Terceira, S. Jorge e Graciosa). O museu, defende Ribeiro, deveria reunir elementos de comparação “*pois só uma visão de conjunto no arquipélago pode dar justa apreciação da cultura popular de cada ilha*” (RIBEI-

RO, 1949: 233-235) que assim retoma a ideia de unidade insular açoriana expressa na diversidade da sua cultura material, ideia cara aos autonomistas das primeiras décadas do século XX. Com este propósito, pretende ainda contribuir para a construção do gosto e, gradualmente, para a definição da matriz material da identidade açoriana e dos emblemas geradores da sua autorrepresentação posterior.

No primeiro *Relatório de Atividades do IHIT* (IHIT, 1945:25-28) o presidente, Luís Ribeiro, elenca (e, certamente, orientara) um conjunto de atividades em curso onde os inquéritos (Inquérito Linguístico, Inquérito à Literatura Popular, Inquérito Toponímico, Inquérito às Industrias Populares) os levantamentos/ inventários (Inventário de Monumentos e Obras de Arte, Índice de Manuscritos e Bibliografia), e a recolha de espécies (museu, arquivo, arquivo fotográfico) se constituíram como centrais na prossecução dos objetivos de defesa patrimonial do Instituto.

Conjugando esforços e o contributo de vários sócios, os projetados museu e arquivo serão efetivamente criados: o primeiro em 1948 (Decreto-Lei n.º 36842 in *Diário do Governo*, Iª Série, n.º 91, de 20 de abril de 1948) e o segundo em 1949 (Decreto-Lei n.º 37358 in *Diário do Governo*, Iª Série, n.º 65/49, de 30 de março) e aos quais, anos depois, Luís da Silva Ribeiro se referirá “*como grande acontecimento cultural no nosso meio, honra de uma época e de uma geração*” (IHIT, 1952: 38).

Fundados os organismos que projetara, e confiada a sua direção a Manuel Coelho Batista de Lima, um então jovem intelectualmente próximo de Ribeiro, Luís da Silva Ribeiro não interferirá na orientação que se lhes imprimirá desde então, muito embora o âmbito etnográfico em que fundara o seu pensamento museológico venha a ser abandonado pelo Museu de Angra nas décadas posteriores.

Personalidade da transição do século, incorpora no seu pensamento o espírito dos museus industriais de oitocentos, e o dos museus etnográficos das primeiras décadas do século XX, cujos princípios utiliza para, persistentemente, defender a memória patrimonial açoriana. Manter-se-á, até ao fim da vida, em 1955, estudioso atento e intelectual interveniente a quem Vitorino Nemésio designará como *alma e consciência da nossa ilha e dos Açores*.

Bibliografia de Luís da Silva Ribeiro relacionada com museus e museologia

- RIBEIRO**, Luís da Silva. 1930. “Museu etnográfico açoriano”. *Correio dos Açores*. Ponta Delgada, 1 de fev.
- RIBEIRO**, Luís da Silva. 1940. *Museu Distrital Almeida Garrett de Angra do Heroísmo: Plano Geral do Museu e Projecto de Regulamento Interno. Relatório apresentado à Junta Geral Autónoma do distrito em novembro de 1940* (Doc. manuscrito).
- RIBEIRO**, Luís da Silva. 1949. “O Museu”. *Diário Insular*. Angra do Heroísmo, 1, 4 e 7 de setembro.

Bibliografia do artigo

- ENES**, Carlos. 1996. “Luís Ribeiro e a sua época”. *Obras IV Escritos Político-Administrativos*. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da Ilha Terceira / Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- INSTITUTO HISTÓRICO DA ILHA TERCEIRA**. 1947. “Acta da sessão extraordinária realizada em 16 de agosto de 1947”. *Boletim do IHIT*. Angra do Heroísmo, vol.: 277-280.
- IDEM**. 1952. “Relatório de Atividades”. *Boletim do IHIT*. Angra do Heroísmo, vol. V.
- IDEM**. 1982. *In Memoriam de Luís da Silva Ribeiro*. [Separata do *Boletim do IHIT*]. Angra do Heroísmo, Instituto Histórico da ilha Terceira / Secretaria Regional da Educação e Cultura.
- LIMA**, Manuel Coelho Batista de. 1982. “Instituições culturais devidas à ação do Instituto Histórico da Ilha Terceira (Projeção do pensamento do Dr. Luís Ribeiro)”. *Boletim do IHIT*, vol. XL: 7-93.